



Imanência demoníaca: Estudo da ausência do Diabo no filme Mãe! de Darren Arronofsky

Demonic Immanence: Study of the Devil's Absence in the Mother! Movie by Darren Arronofsky

Alexandre Linck Vargas¹
Diego José da Silva²

Resumo: A dada pesquisa consiste numa análise sobre a ausência da figura do diabo no filme Mãe! O filme trabalha uma série de metáforas e figuras bíblicas, porém a figura do diabo por alguma razão não aparece. Para dar conta de entender essa questão será feita uma análise sobre os presentes no filme, fazendo uso de autores da filosofia, com o intuito de entender se o diabo está mesmo ausente, ou se sua presença se manifesta de alguma forma.

Palavras-chave: Imanência. Diabo. Deus.

Abstract: The research is an analysis of the absence of the devil figure in the movie Mother! The film works a series of metaphors and biblical figures, but the figure of the devil for some reason does not appear. To understand this question will be made an analysis of those present in the film, making use of authors of philosophy, in order to understand if the devil is really absent, or if his presence is manifest in any way.

Keywords: Immanence. Devil. God.

Introdução

Em 2017 o diretor Darren* Aronofsky lança o filme Mãe!, obra que conta a história de uma casal, o homem é um poeta que passa por um bloqueio criativo e busca por inspiração para escrever novamente, enquanto isso sua esposa cuida da reforma da casa, que recentemente passou por um incêndio. A tranquilidade monótona que ambos vivem logo é quebrada quando um desconhecido chega na casa. Seria uma trama simples, de um outro filme de suspense, mas não é. Mãe! trabalha uma serie de metáforas bíblicas, conta a história do mundo desde o gênesis até o apocalipse, tudo isso por meio de um jogo de representações. Todos os personagens do filme são alegorias bíblicas. Por exemplo, o escritor interpretado por Javier Bardem é Deus, sua esposa interpretada por Jennifer Lawrence é a mãe natureza, responsável por cuidar do mundo, o homem desconhecido interpretado por Ed Harris é Adão. A própria casa não deixa de ser uma representação do mundo. Contudo, nesse esquema de representações bíblicas surge um problema.

Na cena em que Adão e Eva desobedecem a Deus e pegam o fruto proibido, não há interferência alguma de Lúcifer. Aquela narrativa clássica, aonde o demônio aparece em forma de serpente e convence a esposa de Adão a provar do fruto proibido não ocorre aqui. Adão e Eva desobedecem a Deus por conta própria. O demônio não aparece no jogo de alegoria antes mencionado, ele não é representado como uma pessoa ou um objeto. Dessa forma surge uma suposta da figura do demônio é ausente no filme Mãe!. Porém, como pode ocorrer de uma figura de tamanha importância como

¹ Doutor em Literatura pela UFSC e Mestre em Ciências da Linguagem pela Unisul

² Graduando de Letras – Língua Portuguesa e Literatura na Unisul

o Diabo, tantas vezes representado na arte de diversas maneiras, não ter espaço nessa alegoria épica de Darren Aronofsky?

É sobre esse Diabo ausente que pretendo falar, talvez mais do que isso. A grande questão seria essa: é o Diabo ausente no filme *Mãe!*? Ou sua presença se manifestaria de outra forma, uma forma distinta das outras metáforas bíblicas. Como ponto de partida para dar conta disso, recorro ao esquema estruturalista de Umberto Eco (1991). O autor argumenta sobre uma ausência de oposições, aonde é preciso que um dos termos apareça para que o outro esteja ausente. Dessa forma a ausência de um só se torna percebida diante da presença de um outro. O ausente aqui é o Diabo, o presente são todos os outros personagens bíblicos. O que proponho, partindo do esquema binário entre o ausente e o presente, é por meio daquilo que se torna presente no filme *Mãe!* alcançar, chegar até, aquilo que aparentemente está ausente. Dessa forma para compreender se o demônio ausente ou se sua presença se manifesta de alguma outra forma no filme, é antes necessário fazer uma análise dos presentes na obra.

O Diabo ausente e o Deus presente

A primeira problemática da ausência do Diabo em *Mãe!* segue ainda o pensamento de Umberto Eco. O estruturalista, usa em sua teoria um jogo binário, no dado caso em questão, o presente e o ausente. Porém esse Diabo supostamente ausente reverbera numa figura de Deus distinto daquele que conhecemos. Eco também trabalha sobre outro jogo binário entre o eu e outro, num esquema de medição de alteridade; o homem só pode conhecer a si mesmo, quem ele é, seus ideais, suas crenças, baseado naquilo que se diferencia do outro. Só se pode reconhecer a si mesmo na presença do outro, dessa forma se mede a alteridade. Se não um diferente a nós mesmos como podemos nos reconhecer? Se não há o Diabo, pai da mentira, príncipe das trevas, personificação do mal, como poderia Deus reconhecer-se como bom? O Deus de *Mãe!* não possui uma figura que o contraponha, não possui um antagonista, que o torne maior, que o torne heroico e bom, e essa ausência do antagonismo do Diabo resulta num Deus distinto do ser onipotente que estamos tal habituados a ver ser representado.

A respeito das representações Rancière (2012) alerta-nos sobre o impoder da arte. Para ele a arte demonstra uma falha no que diz respeito a suas representações. Acontecimentos pequenos tornam-se grandiosos. São refeitos, recontados demasiadamente exagerados. A representação para Rancière é um exagero do acontecimento. Ela trai todo o caráter essencial e singular do acontecimento em questão. O torna mais grandioso do que ele realmente é, ou foi. O potencializa, o exagera. A representação então é, em uma palavra, hipérbole. Disso surge a problemática de representar Deus, pois como representar exageradamente um ser que é onipotente, onisciente e onipresente? Como tornar algo que pode até mesmo ser irrepresentável em algo representável? Como exagerar Deus? Como torná-lo uma hipérbole?

A hipérbole de Deus é o humano, ou melhor, humano demasiado humano. Não há como aumentar mais ainda Deus, então deve-se diminuí-lo. Da mesma forma que a vastidão do inferno foi resumida a um mero porão com uma fornalha acesa, e o Éden foi sintetizado com um simples escritório, e o universo como uma casa, Deus é representável com um humano. Frágil, inseguro, carente, e extremamente narcisista. Por mais que haja um paraíso no filme, ele prefere andar entre os homens, para ser adorado. O que ocorre em *Mãe!* é tornar o impensável, Deus, ser onipotente, onipresente e onisciente, em algo pensável. E para fazer isso, ele torna-se demasiadamente humano.

Esse Deus que é demasiado humano não se satisfaz com sua vida. Nos primeiros minutos do filme ele parece sempre estar angustiado, triste, perdido, sem qualquer

proposito. Está sempre dando uma série de sorrisos forçados. Falta-lhe algo, na posição de poeta falta-lhe inspiração. Sua vida muda, ele começa a sorrir espontaneamente, somente após a criação de Adão. A cena em que isso acontece chama atenção. Estão Deus e a Mãe no escritório. Deus parece impaciente, anda de um lado para o outro. Já a Mãe o observa com atenção. Ele levanta-se, vai até a janela, depois volta, senta-se na sua cadeira em frente a escrivaninha, pega a caneta em mão, posiciona-a sobre o papel. Eis então que alguém bate na porta. O poeta levanta-se e vai em direção à batida. A esposa levanta-se, olha o papel, não há nada escrito. Porém, esse Deus poeta manifestou-se de alguma forma. Foi capaz de criar, por mais que não tenha escrito nada. Aquele que bateu a porta é nada mais nada menos que Adão. O primeiro homem criado por Deus.

Penso que a palavra de Foucault (2000) cabe aqui como maneira de explicar a criação de Adão. Pois Foucault fala sobre o homem e sua finitude, ele argumenta que o homem moderno nega o infinito e aceita-se como ser finito, e a partir disso começa a viver no interior de seu organismo. O homem finito a partir de sua própria finitude, a partir do interior do seu organismo, tem a capacidade de dobra-se, constituir seus duplos. Essa finitude é sempre designada a partir de um homem concreto, no caso do filme Mãe! o poeta, Deus, por meio das suas formas empíricas, é capaz de atribuir existência. Vale ressaltar a preocupação da Mãe durante a cena da criação de Adão, ela teme quando Deus olha pela janela, ela teme o externo, o que é um erro baseado no conceito do homem finito. O que se sucede é Deus, transformando uma série de pensamentos lineares seus em uma tabela de seres parcialmente diferentes, e o primeiro deles a surgir é Adão. Deus partindo de sua finitude, partindo do seu interno, do homem moderno que vive dentro de seu próprio organismo, faz uma dobra de si mesmo, duplica-se em seres parcialmente diferentes. Quando a Mãe olha o papel em que Deus tentava escrever algo, não há nada escrito nele. Contudo, o poeta, em posição de homem finito, já se dobrou, fez existência.

Há um porquê desses seres criados serem parcialmente diferentes a Deus. A dobra por mais que se manifeste na representação de outro, na sua criação de existência nova, conserva algo do criador. A finitude é sempre pensada numa referência interminável a si mesmo. A criação do poeta tende a voltar de certa forma a ele. Ela possui características semelhantes ao seu criador. “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (Gênesis 1:26). Todavia, não falarei sobre essa semelhança ainda. Dou-lhe vez mais adiante, pois ela tenda a conservar com a ausência do Diabo no filme.

Se em Foucault encontrei o ato de criação desse ser soberano, que é partir de si mesmo, tem a capacidade de dobrar-se, de duplicar-se, de criar, de representar, falta entender o porquê de Deus criar o homem. Dessa forma é preciso voltar a Nietzsche (2017). O filósofo alemão argumenta que o homem, antes de qualquer ideal ascético, era um animal doente, algo lhe faltava, existia uma lacuna, algo a preencher. Esse animal doente chamado de homem sentia dor, mas não era ela necessariamente seu problema. Ele sentia a necessidade de justificá-la, precisava atribuir uma finalidade a ela. Essa finalidade a tornaria mais profundo. Então, o homem seria parte de algo maior. É dessa maneira que o homem renega seu nada existencial e vai ao caminho da vontade de nada. Então ele cria Deus, para que ele próprio possa ter sua existência, sua dor justificada. Nietzsche então diz que o homem, para abandonar o nada que era antes, cria um outro nada. “O homem prefere a vontade de nada ao nada da vontade” (NIETZSCHE, 2017, p. 141).

O que a vontade de nada que Nietzsche tem a ver com o Deus e a criação de homem? Como disse antes, nos primeiros minutos do filme Deus parece que lhe falta algo, demonstra ser triste, parece sentir uma lacuna. Deus sente dor, dor desse vazio, desse

nada que é. Como uma forma de escapar desse nada, ele cria, cria o homem, cria Adão. Adão tornaria especial a existência de Deus, assim como os homens que viriam depois fariam o mesmo. Em troca, Deus teria um sofrimento mais profundo. Todavia, esse valeria a pena, pois agora Deus não era mais um nada, era parte de algo maior, ou melhor, fazia parte de algo que o tornará maior. Há numa das últimas falas de Deus no filme algo que justifica tanto o conceito do homem finito que se dobra de Foucault, e a vontade de nada de Nietzsche. “Nada basta totalmente. Eu não poderia criar se bastasse. É preciso criar. Isso é o que faço. Isso é o que sou.” (MÃE!, 2017, 1h 53min 24seg).

Esse Deus demasiado humano que busca por saciar seu vazio, suas lacunas, de tal modo que precisa tornar sua finitude interna em dobras parcialmente parecidas com ele, não enxerga os homens, sua criação, como outra coisa senão ferramentas. Disse antes que uma das características desse Deus demasiado humano era o narcisismo. Freud (2017) aparece brevemente aqui, pois para o pai da psicanálise narcisista é aquele que trata seu corpo como um objeto sexual, o contempla, o afaga, o acaricia, até obter satisfação através dessas atividades. Para que esse Deus narcisista se satisfaça ele dobra-se, cria outros que o contemplaram, que o admirem. As palavras que ele diz a Mãe após a noite seguinte a criação de Adão: “É gratificante falar com quem aprecia meu trabalho” (MÃE!, 2017, 19min 06seg). Durante todo o filme Deus é contemplado pelos homens, e ele adora isso. Não importam os atos que os homens façam para contempla-lo; eles desobedecem a Deus e destroem o equivalente ao fruto proibido, tornam a casa, o mundo, no caos propriamente dito (há guerras, roubos, exploração sexual feminina), e por fim matam seu filho Jesus. Porém, nada disso faz com que Deus mude sua opinião pelos homens. Ele insiste em mantê-los na casa. Para que essas ferramentas chamadas de homem o contemplem.

O conceito de ferramenta é aqui atribuído a Bataille (2016). Ele diz que toda ferramenta é criada tendo em vista determinado fim, lhe é assinalada certa utilidade. Além disso, Bataille argumenta que a ferramenta não tem valor em si própria, ela só possui valor baseado no resultado previsto de sua utilidade. Se o homem no filme Mãe! é a ferramenta de Deus, sua finalidade de emprego é contemplar seu criador. Afaga-lo até o mesmo satisfazer-se. Há também no filme outras ferramentas, com finalidades distintas, que pretendo revelá-las no momento certo.

Porém, Deus também admira o homem, admira suas piadas, suas falas, demonstra excitação ao observar Adão e Eva se beijando em certa cena. Mas Deus só admira o homem porque admira a si mesmo. Aqui a palavra de Kierkegaard (1979) surge, aliada a pensando a metáfora do escritor, do poeta. Para o filósofo, o poeta é um gênio da recordação, que admira o herói. E de fato, o poeta do filme olha com a admiração para o homem. Deus pode até admirar Adão e os homens que vem a seguir. Contudo, ao fazer isso admira a si próprio. Adão é uma dobra de Deus, ele veio da finitude do mesmo, finitude essa que sempre volta a si mesmo. Ou seja, Adão, ou o homem em geral, sempre volta a Deus. Se Deus admira Adão é porque admira a si mesmo, admira sua obra, sua criação, aquilo que surgiu de si mesmo. Não um outrem oposto si, ressalto novamente, dobras parcialmente diferentes. Algo que se assemelha e também se difere. Deus perante o nada cria, a partir de sua finitude, Adão, para admirar não outro, mas a si mesmo - e também ser admirado. Pois se todos os homens são criados a partir da finitude de Deus, e Deus aqui é um poeta, todos os homens conservam também a admiração que o poeta tem sobre a figura do herói, e nesse ponto, para o homem, Deus é um herói. Um bom exemplo de como os homens conservam a característica poeta de Deus é quando após a morte de Jesus, os homens usam as mesmas palavras que Deus disse para consolar Adão e Eva após a morte de Abel.

O primeiro ponto da análise demonstra que a suposta ausência de Diabo reverbera num Deus demasiado humano que sente um grande vazio, algo lhe falta, a partir disso

ele pega sua finitude, dobra-se, duplica-se, cria a vida de outrem, o homem que são suas ferramentas, para que esse o admire, o afague, o satisfaça, além também dele próprio admirar-se já que suas dobras não deixam de ser sua criação, sendo ele próprio também. Mas como posiciona-se o homem perante esse Deus?

O Deus presente e o homem que o contempla

Creio que os homens a admiram Deus por vê-lo como origem. Foucault argumenta que o homem busca insaciavelmente um ponto fixo nascente, de onde tudo provém, de onde tudo emergiu. Esse ponto fixo revelaria conhecimentos que o homem não tem, cronologias múltiplas. Esse ponto fixo seria a origem. Foucault alerta-nos justamente sobre o que o homem erroneamente não percebe nessa busca. Tudo está em movimento, fluindo, sendo produzido, produção essa sem original. O fato é que o homem já nasce inserido num fundo de historicidade, é sempre sobre um fundo já começado que o homem pode pensar o que vale como origem para ele. Mas não como uma origem geral das coisas. As coisas começam bem antes do homem, por isso ninguém pode assinalar uma origem geral das coisas. A origem das coisas está sempre recuada, num calendário onde o homem não existe. O pensamento de Foucault nesse ponto esbara com o de Derrida (s. d.). Para o segundo quando se fala de uma origem se fala apenas de rastros, sem um rastro original. Rastros, apenas rastros, que por sua vez são rastros de outros rastros. Ou seja, rastros de rastros que provém de outros rastros também. O homem então não é capaz de chegar em qualquer espécie de arché.

Dessa maneira, há toda uma problemática em pensar uma origem geral das coisas, ainda mais no filme Mãe!. Pois a nele um Deus que trabalha sobre a hipóteses de mundos possíveis, hipótese que voltarei a falar logo. Ao começo do filme um mundo acabou-se, vemos toda a casa em chamas, é o apocalipse, um dos apocalipses. Após isso, ele cria um outro mundo, com uma outra mãe, um novo gênesis acontece. Ao final do filme esse mundo também chega ao apocalipse, e novamente Deus tem o trabalho de recriar. Ou seja, Deus cria e recria mundos a sua vontade. Há pelo menos três mundos possíveis apresentados no filme, o que se acaba logo no começo, o que acompanhamos o desenvolvimento durante o filme, e o novo que surge ao final da obra. Porém, não há como saber quantos outros mundos já existiram antes. Sendo que na visão de Derrida só existem rastros de rastros, e também para Foucault o homem pensa de forma errônea a origem pois ela está sempre recuada num calendário aonde o homem não habita. Então como conceituar uma arché ou uma origem ao homem?

É daí que surge a primeira admiração do homem por Deus. Aquilo que o homem pode assinalar como origem é aquilo que está próximo dele, em hipótese alguma tudo o que ocorreu antes de sua existência. De tal maneira, Adão, o primeiro homem, a primeira dobra, busca o que está mais próximo de si, e aquilo que está mais próximo dele é Deus, seu criador. Adão não passa de uma dobra da finitude de Deus, e a finitude sempre retorna a si mesmo. Nesse caso Adão entende sua origem como Deus, aquilo que está mais próximo dele, sem nunca imaginar toda a história dos possíveis mundos que existiram antes dele. Em dada cena, estão Deus e Adão no escritório do primeiro, Deus mostra seus escritos a Adão, esse está encantado por conhecer o famoso poeta que admira. Adão usa essas palavras: “Suas palavras fizeram mudar minha vida” (MÃE!, 2017,14min 13seg). E de fato, elas mudaram. Tornaram toda uma sequência de pensamentos lineares em Adão. As palavras de Deus mudaram a vida de Adão justamente por ter criado ela.

Esse é o primeiro ponto de admiração da ferramenta homem com Deus. Todavia, ainda há outros pontos que admiração, e ainda há outras ferramentas úteis a Deus. A maioria dos homens tem a mesma finalidade, contemplar esse Deus narcisista para que

ele se satisfaça. Um deles se distingue dos demais, não está ali para contemplar Deus, para afagá-lo. Esse homem que a exceção da regra se chama Caim. A ele cabe uma outra finalidade. Caim revela ao homem a potência de morte. A princípio o homem é grato a Deus por ter lhe dado a vida. Deus ao dobrar sua finitude cria o homem, e o homem entendendo Deus como sua origem, aquilo que está mais próximo dele, e é grato. Nesse ponto do filme só há a vida. A potência da morte ainda não foi revelada. Eis então que surge a necessidade da ferramenta Caim. Quando Caim mata Abel ele revela a quão finito é o homem. Ele revela que sua existência possui um começo, a origem sendo de dobra de Deus, mas também possui um fim, a morte.

Aqueles que se deparam com o corpo de Abel, se deparam com um volume vazio. Aquilo que tinha vida, fala e movimentos agora é apenas um vazio. Didi-Huberman (1998) nos diz que se por um lado há os entes queridos olhando para o falecido, por um outro lado há também aquilo que os olha. E aquilo que os olha enquanto eles olham o volume vazio é a própria morte. Não só a morte do seu ente querido, o volume vazio que antes costumava ter vida, mas um dado saber que da mesma forma que a vida de Abel encontrou seu fim, a vida deles também irá encontrar. A morte que surge para um revela a possibilidade de morte que todos os outros estão sujeitos. Nesse ponto, a palavra de Bataille deve retornar. Ele nos diz que a morte revela o valor na vida. Que a morte é o grande grito afirmador da vida. A potência da morte revela a consumação da vida no dado momento em que ela se esvai.

É uma opinião ingênua aquela que liga estreitamente a morte à tristeza. As lágrimas dos vivos, que respondem a sua chegada, estão elas próprias longe de ter um sentido oposto à alegria. Longe de serem dolorosas, as lágrimas são a expressão de uma consciência aguda da vida comum apreendida em sua intimidade. (BATAILLE, 2015, p.42)

Sendo assim, as lágrimas dos entes queridos após a morte de Abel não se dão apenas pela morte do mesmo, mas por uma consciência recém despertada da finitude humana, o descobrimento de onde ela acaba. A ferramenta Caim revela a morte, e a morte potencializa o valor da vida. E sendo que a vida foi dada por Deus, potencializa ainda mais admiração do homem por seu criador. As palavras de Deus como tentativa de confortar Adão e Eva ressaltam a morte como a morte potencializa a vida.

Como alguém pode entender a sua dor? O sacrifício de um pai. Tantos anos de preocupação. Todos os dias, horas e segundos. E em cada segundo uma dose infinita de amor. E agora, de repente, parece não ter nada para amar. Só uma escuridão, vasta e silenciosa. Mas não tenha medo. Lá dentro há uma voz querendo ser ouvida. Uma voz alta e forte. Escute. Ouviu? Está ouvindo? É o som da vida. O som da humanidade. (MÃE!, 2017, 58min 57seg).

Além disso, os homens reforçam sua admiração em Deus porque se eles tendem a em determinado momento acabar, Deus não, Deus é eterno, Deus é uma estrutura. Ele é o que atravessa o tempo do homem, um tempo que o homem nem pode imaginar que exista, lembrando novamente o homem e a origem. Deus é o único que sai ileso do apocalipse ao final do filme. Enquanto toda a casa está destruída, todos os homens mortos, e própria mãe a beira da morte, Deus permanece sem nenhum arranhão. Deus é a estrutura desse mundo, ou melhor, a estrutura desses mundos possíveis. A explicação para esse Deus que funciona como estrutura, está em Umberto Eco. O autor argumenta quando diz que a estrutura é uma presença que se estende ao longo de tempo, sem mudar. E Deus é totalmente presente no filme, demasiado humano andando entre os mortais. Suas mudanças são pequenas, a felicidade recente quando Adão surge, um momento de ira quando os homens o desobedecem, mas em todo filme ele sempre deseja o mesmo, ser contemplado. Isso em alguns momentos é radicalizado, mas nunca erradicado. Ele sempre deseja a admiração do homem. Mesmo após morte de Jesus,

quando a mãe está em estado de ira contra o homem, Deus diz: “ Eu e você temos que achar um jeito de perdoa-los.” (MÃE!, 2017, 1h 47min 04seg). Deus é uma estrutura por se estender ao longo do tempo, e também por sua vontade primária, aquela de ser admirado, não muda durante todo o filme.

Com tais reflexões, penso que seja possível chegar a algumas conclusões. A primeira delas é que os homens são divididos em dois tipos de ferramentas, a ferramenta de admiração e a ferramenta reveladora da morte. A primeira funciona por meio da criação do homem. Já a segunda reforça o valor que a vida da primeira ferramenta tem, além de tornar Deus ainda mais admirável, pois nesse ponto o homem é grato por ele lhe ter dado vida, e ainda o vê como um herói que transcende o limite da morte que os mesmos se encontram. Todavia, ainda há uma terceira ferramenta, que não é o homem. É essa que possibilita todos os mundos possíveis.

A Mãe: A Ferramenta de origem sem ser original

Como disse de forma breve antes, o Deus do filme Mãe! trabalha sobre a hipótese de mundos possíveis. Essa hipótese surge com pensamento de Leibniz (2013). O filósofo barroco despreza a possibilidade de Deus criar um único mundo, para ele há uma série de mundos possíveis. Esses mundos possíveis por sua vez não passariam de um conjunto de todas as coisas que possuem existência. “Eu chamo de mundo toda a sequência e toda a coleção de coisas existentes.” (LEIBNIZ, 2013, p. 138). E nesse conjunto de coisas existentes que formam um mundo possível tudo está ligado, arquitetado, de antemão por seu criador, por Deus. No filme Mãe! são mostrados três mundos possíveis, o filme começa com um incêndio, o apocalipse de um mundo, após isso a criação e desenvolvimento até seu apocalipse. E quando esse segundo mundo possível acaba surge um terceiro, com uma nova Mãe, diferente daquela outra aparece durante todo o filme.

Antes que Deus possa criar o homem para que esse possa contemplá-lo, é necessário que ele crie um mundo, para que o homem o habite. E também é necessária uma ferramenta que preserve esse mundo, que zele por ele. E quando torna-se impossível fazer tais coisas essa ferramenta deve reinicia-lo. Eis então que surge a última ferramenta, a mais essencial de todas, a primeira ferramenta de todo mundo possível de Deus. Eis que surge a Mãe. Em dois mundos possíveis, um no começo e o outro ao final do filme, vemos Deus criar o mundo e simultaneamente a Mãe nasce. E já nasce procurando seu criador, procurando assim como os homens aquilo que pode chamar de origem. E aqui a palavra origem deve ser repensada. Deus é a origem de toda a criação, e o homem é eternamente grato por isso. Contudo, como disse antes, a origem habita um calendário aonde o homem não existe, ela está sempre recuada a nossa existência. No filme Mãe! só existem dois personagens que habitam esse calendário distante ao homem, Deus e a própria Mãe.

Deus é a estrutura que se estende ao longo do tempo sem mudar, vive em todos os seus mundos possíveis da mesma maneira. Já a Mãe, na condição de ser uma ferramenta de Deus, é sujeita a mudança. Como argumenta Bataille, aquele que empunha a ferramenta também tem o poder de modificá-la, conforme ache necessário. A outra Mãe que aparece ao final do filme revela que agora Deus precisa de uma nova Mãe, de uma nova ferramenta, diferente daquela que usou antes. Há também traços de como Mãe que acompanhamos durante o filme deve modificar-se para que o mundo possível que figura tenha um bom resultado. Numa das primeiras cenas do filme, ela pinta uma parede da casa, com um tom branco. Após algumas pinceladas ela começa a sentir dor. Aquele tom de cor, é de um outro mundo possível que antecedeu aquela Mãe. Contudo, devido a um resultado não fortuito desse mundo possível, a atual Mãe deve procurar um novo tom

de cor, modificar a casa, modificar o mundo, para que um resultado melhor possa ocorrer. Ela substitui o branco por um tom laranja e logo para de sentir dor. Ao contrário de Deus que não muda, permanece o mesmo, ela muda em pequenos detalhes, como foi o da cor da parede.

É também preciso salientar sobre a importância do caráter originário que a Mãe possui. É a partir da Mãe que o tempo transcorre, e a partir dela que toda a trama se desenrola. Ela é o ponto de partida e de fim de cada mundo possível. Cabe a ela iniciar os mundos possíveis de Deus. “Ela trouxe a vida de volta para casa” (MÃE!, 2017, 15min 19seg), diz Deus à Adão. Porém também cabe a Mãe finalizar os mundos possíveis. Numa cena aonde estão apenas Deus e a Mãe na casa ela diz num tom de brincadeira que tem de cuidar do apocalipse. De tal maneira, Mãe é o botão de reset que Deus usa toda vez um mundo possível perde o controle.

Se há mundos possíveis iniciados e finalizados pela Mãe, há então um tempo que não é linear, mas sim circular. Agambem (2012) fala sobre diferentes noções de tempo, fala sobre como a noção de tempo circular ganha força com a ascensão do cristianismo e também fala sobre algumas noções do tempo dos gregos que cabem perfeitamente no contexto de Mãe. Como é a visão de tempo que Platão possui. Agambem diz que para Platão definia o tempo como uma imagem em movimento pela eternidade. O tempo teria todo um caráter circular, totalmente propenso a repetição, ao retorno. Sem nunca encontrar um derradeiro fim, são movimentos e mais movimentos. Que passam pela criação, a destruição e a recriação do mundo, inúmeras vezes. Esse caráter circular dos mundos possíveis está presente numa das últimas falas de Deus no filme. Após o apocalipse Deus carrega a Mãe em seus braços, e ela à beira da morte o questiona para aonde ele e a está levando. A resposta de Deus é: “Ao princípio” (MÃE!, 2017, 1h 52min 50seg)

O que desenvolvi aqui é que Deus é origem de todos os mundos possíveis, se estendendo ao longo do tempo sem mudar. A Mãe é origem de cada mundo possível individualmente, que na condição de ferramenta está sempre sujeita a mudança. Todavia, como funciona essa ferramenta de origem de cada mundo possível? O que proponho aqui é a Mãe ser uma origem sem ser originária. Nesse ponto o pensamento de Derrida deve retornar. Devo lembrar que para o filósofo pós-estruturalista quando se fala de origem se fala apenas de rastros. Rastros de rastros que provém de outros rastros também, sem a possibilidade de identificar um rastro original. A mãe é justamente um rastro, rastro de um outro mundo que existiu antes, que por sua vez também é rastro de um outro. Pensar a mãe como essa origem de Derrida, é pensar a Mãe como uma origem que viva em constante mudança, refazendo sua própria origem, deixando apenas rastros, rastros de rastros, sem que nunca haja um ponto fixo donde provém. Contudo, nesses mundos possíveis englobados por um tempo circular ainda há algo que falta, algo que precisa revelar-se. Enfim chega a hora dele.

O Diabo, finalmente

Antes da revelação, antes de indicar aonde o Diabo se encontra devo trazer a palavra de Foucault de volta. O filósofo argumenta sobre uma espécie de Cogito moderno. Se em Descartes a questão principal era reconhecer-se como um ser pensante, de tal forma que isso traria luz aos pensamentos revelando os erros e as ilusões, no Cogito moderno de Foucault a questão não seria reconhecer o que é, o que é pensado, mas entender que dentro do próprio pensamento há também uma parte que é o impensado. Dentro do próprio pensamento ao impensado, o pensamento tende a escapar a si mesmo e dirigir-se ao impensado, aonde ele se articula. No Cogito moderno proposto por Foucault não se trata mais da possibilidade de conhecimento, mas de um desconhecido primeiro, o

impensado dentro do próprio pensamento. Esse impensado não provém do pensado, ele é um outro, gêmeo, que está ao lado do pensado, ao mesmo tempo, numa dualidade. É nesse outro, nesse gêmeo do pensado, que o Diabo habita.

A problemática surge: Se Deus é todo poderoso, se Deus é bom, como pode então existir o mal? Deus foi sempre uma representação do bem, o Diabo a representação do mal, de tal forma o pensado sobre Deus é o bem, porém se o pensamento se dirige ao impensado e com ele se articula, e o não pensado sobre Deus é justamente o mal, restaria pensar que existe o mal inserido no próprio Deus, como sua espécie de impensado dentro do seu pensamento. E se o Diabo é conhecido por ser a representação do mal, então há um Diabo presente no próprio Deus do filme Mãe!. Uma filosofia Deleuzeana (2000) torna-se necessária aqui, pois esse Diabo existente no pensamento de Deus constitui-se de um plano de imanência.

Esse plano de imanência é campo virtual, não é possível entendê-lo como algo concreto, é somente abstrato. É nesse campo que conceitos são produzidos e por ele também encontram circulação. Dentro desse plano há uma série de movimentos infinitos, constantes, que por um outro lado, são contidos ao próprio plano de imanência, ao próprio campo virtual que habitam. Eles se enrolam e desenrolam, estão sempre em constante movimento, nunca inertes, porém sempre contidos. Sobre essa imanência ainda é preciso dizer que ela não existe no interior ou no exterior, ela existe entre os dois, numa fusão de ambos. E nesse campo aonde produzem-se conceitos existe uma coexistência. Não há plano sem conceito, como também não conceito sem o plano. Um é necessário ao outro. É necessário um plano de imanência para produzir conceitos, e é necessário conceito para transitarem por esse plano de imanência. A respeito do pensamento, a ideia do plano de imanência ainda converge com o Cogito moderno de Foucault.

“O Plano de Imanência é ao mesmo tempo, o que deve ser pensado, e o que não pode ser pensado. Ele seria o não-pensando no pensamento. É a base de todos os planos, imanente a cada plano pensável que não chega a pensá-lo. É o mais íntimo pensamento e todavia fora e absoluto. (ALLIEZ, 2000, p.313)

O que proponho sobre esse plano de imanência, sobre esse impensado dentro do próprio pensamento de Deus é o mal como um o próprio plano de imanência e o Diabo como conceito necessário para esse plano de imanência. Antes eu falei sobre como Deus em Mãe! é um exemplo do homem e da sua finitude trabalhados por Foucault, aonde o homem transforma todo uma sequência de pensamentos lineares em seres parcialmente diferentes dele. Fazendo isso Deus dobra-se, duplica-se. Contudo, a finitude do homem é sempre pensada numa referência interminável a si mesma. De tal maneira, traços, características de Deus existem também em suas dobras, como foi dado o exemplo do poeta como gênio da admiração. Ainda há um outro algo de Deus que é partilhado a suas dobras. Esse algo habita o impensado sobre Deus, esse algo seria o plano de imanência mal, povoado pelo conceito do Diabo.

Todo a história do filme se passa num único lugar, a casa, metáfora possível para o mundo. A casa é criada junto com a Mãe, são o mesmo ser, a morada, a primeira ferramenta, e também a primeira dobra de cada mundo possível. Logo a casa e Mãe conservam a imanência demoníaca que parte de Deus. Em seguida há os homens, cada um deles sendo dobra do próprio Deus, conservando também, intrínsecos a eles a imanência demoníaca. Ainda que esses conceitos a pouco trabalhados façam parte de uma filosofia pós-estruturalista, esse pensamento sobres as dobras de Deus e o mal inserido nele já existem desde uma filosofia barroca de Leibniz. Sobre Deus e a criação dos homens o filósofo diz: “Seu entendimento é a fonte das essências, e sua vontade é a fonte das existências” (LEIBNIZ, 2013, p.138). E sobre o mal inserido em Deus Leibniz

argumenta que Deus poderia criar mundos possíveis sem o pecado e o infortúnio, esses seriam utopias, contudo também possuiriam valia menor. Leibniz enxerga no mal algo útil ao bem. Um mal pode vir a causar um bem, esse segundo que não teria acontecido sem o primeiro. E ainda um mal qualquer pode vir a causar um bem de maior, superior. “que lá onde o pecado foi abundante, a graça foi superabundante.” (LEIBNIZ, 2013, p. 140).

Um exemplo de como um mal, um pecado, pode ser útil a Deus é quando Caim mata Abel. Deus faz uso do momento, diz suas belas palavras, é prestativo com a família, e ainda os homens enxergam quão rasa é sua existência, e como longeava a Deus, estrutura de todos os mundos possíveis. Leibniz ainda argumenta que tudo nesses mundos possíveis criados por Deus está ligado e calculado por Deus, tanto o bem quanto o mal. Não é à toa que a arma que Caim usa para matar Abel é a maçaneta que Deus arranca do seu escritório, a representação do Éden, e a joga ao chão do primeiro andar da casa. Aonde logo depois a ferramenta Mãe a recolhe, coloco em cima de armário, no lugar exato aonde Caim a pegaria para matar o irmão.

Uma outra sequência do filme que demonstra como Deus usa o pecado a seu favor e como está tudo calculado por ele é o nascimento e a morte de Jesus. Nesse ponto a casa se encontra no caos, a paz só surge, mesmo que momentaneamente, ao nascimento de Jesus. Deus entrega seu filho aos homens, mesmo contra a vontade da Mãe. Instantaneamente a criança a morre e Deus tenta usar isso a seu favor, a favor daquele mundo possível. “Talvez o que aconteceu possa mudar as coisas” (MÃE!, 2017, 1h 49min 04seg), ele diz a Mãe.

O diretor Arronosfky já havia flertado com essa ideia de um mal imanente a todos nós homens em seu outro filme com viés bíblico, Noé (2014). Em dado momento do filme Noé entende que a existência humana deveria ser extinta por completo, inclusive a dele próprio e a da sua família. Ele diz aos outros que o mal está inserido em todos os homens, sem nenhuma exceção.

Com tais reflexões eu enxergo um Deus demasiado humano, que ao se sentir angustiado por seu nada existencial dobra-se criando seres parcialmente diferentes a ele, esses que conservam o mesmo plano de imanência que ele possui, esse plano de imanência que é o mal habitado pelo conceito do Diabo. De tal forma o Diabo por mais que não esteja presente numa forma física no filme Mãe!, encontra uma nova maneira, um novo caminho, uma outra forma de existir, de torna-se presente. Se a Mãe, a casa, os homens partem de Deus, todos eles conservam sua imanência demoníaca. Ou seja, o Diabo está presente, mesmo que em forma de ausência. Presente na Mãe, na casa que é o mundo, nos homens e também no próprio Deus. O Diabo está imanente a Deus e todos que surgem como suas dobras. Deus é então um ser parcialmente diferente aos homens, diferente em potência, mas não em natureza. “O “Ser supremo”, o soberano dos deuses, não passa em geral de um deus mais poderoso, mas da mesma natureza que os outros” (BATAILLE, 2015, p35). De tal maneira, o Diabo revela-se presente em ausência no filme Mãe!, escondido aonde não se espera, aonde não se pensa, no impensado, imanente a tudo, imanente até mesmo a Deus.

Bibliografia

- AGAMBEM, Giorgio. **Infância e história, destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: Ed da UFMG 2012
- ALLIEZ, Eric, (Org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- BATAILLE, Georges. **Teoria da religião: seguida de Esquema de uma história das religiões**. Belo Horizonte: Autêntica. 2016.
- DERRIDA, Jacques. **Margens da filosofia**. Petrópolis: Rés, (s. d.)

- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que Vemos, O que Nos Olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.
- ECO, Umberto. **A estrutura do ausente: introdução a pesquisa semiológica**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 14. História de uma neurose infantil, Além do princípio do prazer e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras: 2017
- KIERKEGAARD, Sören Aabye. **Vida e Obra. Coleção: Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Ensaio de Teodiceia**. São Paulo: Estação Liberdade, 2013
- MÃE!** (Mother!). Direção Darren Aronofsky. EUA: 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral**. São Paulo: Lafonte, 2017.
- NOÉ** (Noah). Direção Darren Aronofsky. EUA. 2014
- RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio Janeiro: Contraponto, 2012.

Aceito 06/11/2019